
REVISTA
DE
CABO VERDE

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS
S. Vicente de Cabo Verde

EDITOR RESPONSÁVEL
Abílio da Cruz Madeira

IMPRENSA DE LIBÂNIO DA SILVA
Rua do Norte, 91. — LISBOA

HOMENAGEM

AO

Ex.^{mo} Sr. João Cesario de Lacerda

Governador de Cabo Verde

Excellentissimo Senhor:

A provincia de Cabo Verde, que tem a suprema felicidade de ser administrada por V. Ex.^a pela segunda vez, vae possuir uma publicação mensal, cuja natureza e indole se enuncia adiante.

Ao seu fundador e director pareceu de indeclinavel dever dedicar á V. Ex.^a este primeiro numero, como homenagem ás altas qualidades moraes e reconhecido senso e criterio, que fazem de V. Ex.^a um dos vultos mais prestimosos da politica portugueza — e um dos funcionarios mais honestos e illustrados que tem estado á testa do governo de Cabo Verde — e por isso, tomo a liberdade de collocar o aureolado nome de V. Ex.^a na primeira pagina d'esta *Revista*.

O DIRECTOR.



APRESENTAÇÃO

Ao encetarmos esta publicação, não deixamos de comprehender e de pesar bem o arrojo da empresa a que vamos metter hombros e as difficuldades com que no seu decurso temos de luctar, mas anima-nos no seu empreendimento o sentimento de prestar um pequeno serviço a Cabo Verde, dotando-o de uma publicação modesta na verdade, mas que poderá servir de incentivo a futuras empresas de maior vulto, auctoridade e utilidade.

O crescente e progressivo desenvolvimento que está tomando a provincia de Cabo Verde, reclama de ha muito a criação de um órgão, que advogue e pugne os seus interesses, dentro do campo da verdade e da justiça, e inspirado unicamente nos bons principios da defeza d'esses interesses, com exclusão de todo o sentimento politico ou partidario.

Difficuldades, porém, de ordem moral e material se teem tenazmente opposto a realisação d'uma empresa d'esta monta.

Vae apparecer esta *Revista*, que não preenche essa falta, nem sabemos a vida que terá; porém, é já um passo dado.

O seu programma é bem simples e modesto, e resume-se no seguinte:

Passar em revista todos os assumptos de interesse geral para Cabo Verde, nos seus variados ramos: commercial, industrial, agricola e financeiro, e abordar desapassionadamente todos os outros assumptos da vida economica e administrativa d'esta colonia, sem ferir ninguem, sem fazer politica geral ou partidaria, e muito menos local, por não estarem na natureza e indole d'esta publicação.

Vulgarisar conhecimentos, principios e informações uteis a Cabo Verde.

Estimular na provincia o gosto pela litteratura, para o que se reserva uma parte importante, relativamente, nas paginas d'esta *Revista*.

E' dispensado declarar que as controversias de interesse pessoal, não tem echo n'esta *Revista*.

Temos já o valioso appoio e cooperação de muitos cavalheiros esclarecidos e illustrados d'esta provincia, e a todos prestamos aqui a declaração do nosso enorme reconhecimento.

E se alguma ommissão houve no nosso primitivo appello aqui deixamos consignado que não foi intencional, pois, as columnas d'esta *Revista* estão inteiramente ao dispôr de todos aquelles que nos quizerem honrar e obsequiar com a sua collaboração, dentro dos precisos termos do nosso irrevogavel programma.

Appellando para a boa vontade de todos esperamos, escudados n'ella, remover todas as difficuldades que as emprezas d'esta ordem apresentam, e seguir desassombradamente o nosso programma.

Não desconhecemos o quanto é difficil vingar em Cabo Verde uma empresa litteraria, mas como o nosso pensamento não é fundar uma publicação de combate nem discutir personalidades e actos privados, mas simplesmente dotar a provincia de uma modesta *Revista*, exclusivamente sua, para se não mendigar lá fóra um cantinho em casa de extranhos e indifferentes, — queremos crêr que o nosso pensamento encontrará da parte de todos que se interessam por esta colonia, a mais franca e sincera adhesão.

À testa da administração d'esta provincia está hoje um funcionario dotado do mais alto tacto administrativo, possuindo grande somma de conhecimentos das necessidades de Cabo Verde, e sobretudo muito criterio, illustração, in-

tegridade de caracter e honestidade; mas o esforço e a boa intenção de todos nós a reforçar, a patentear, a lembrar essas necessidades, não será sem duvida de mais, sendo ellas, como são, tão variadas e complexas.

Temos em Cabo Verde muitas leis antigas que, sem offensa aos seus legisladores, só servem de tropeço ao seu desenvolvimento e á sua boa administração: apontal-as, demonstrando com factos e argumentos irrefragaveis a sua inconveniencia, é um dever de nós todos, e muito especialmente dos caboverdianos.

A nosso vêr, um dos problemas mais difficeis a resolver em Cabo Verde, é o das crises alimenticias, que assolam com uma anniquilladora e implacavel frequencia.

Mil e um alvitres se têm apresentado e discutido em *cavaco* á porta das boticas; para combater esse terrivel flagello, e muitos com bastante critério e acerto, mas, desgraçadamente, ali ficam de infusão com as drogas, sem d'elles se preoccupar mais no dia seguinte.

E' um dos caracteristicos de Cabo Verde: falla-se, discute-se e censura-se muito, mas ninguém procede, ninguém assume a responsabilidade de uma ideia, de um pensamento. Não se passa de theorias.

Aqui deixamos, pois, recommendado aos nossos esclarecidos e competentes collaboradores um assumpto de magna importancia e vitalidade para Cabo Verde.

A provincia consomme o melhor dos seus rendimentos publicos em combater estas crises, e a unica solução até hoje encontrada para este mal, é a de aberturas e reparos de estradas e caminhos. Mais nada! E o peor é que taes estradas e caminhos ou nunca se concluem, ou no anno seguinte são destruidos pelas chuvas, de fórma que em Cabo Verde se não chove, ha crise, e se chove, lá se vão embora os dinheiros publicos na enxurrada, de mistura com os cascalhos e outros destroços!

Não ha um plano estudado de ante-mão para as obras a executar, n'estas condições, e a necessidade d'elle e de estudos correlativos, impõe-se peremptoriamente.

Todos os estudos, pois, que se fizerem n'este sentido, serão de grande importancia e bem acolhidos, necessariamente, pelos poderes publicos.

O DIRECTOR.



A IMPRENSA E O SEU PODER

Praia, 15—12—98.

Chegon o dia em que este archipelago vae ser dotado d'um orgão, cujas vozes se levantarão em defeza da sua vida moral e material. É, pois, a *Revista de Cabo Verde* fundada pelo sr. Luiz Loff de Vasconcellos, filho d'esta terra, que possue o ardente desejo do seu progresso, e com a sua publicação levantará um combate contra aquelles que teem usurpado o seu engrandecimento, de todos os ramos da vida scientifica e material, que engrandece os povos constituídos em sociedade.

O combate franco e leal como promette o fundador da *Revista*, deve ter acolhimento pôr todos os cidadãos, que não lhes é indifferente que as terras d'aquem mar vivam no ludíbrio dos poderes publicos, no correr dos annos futuros.

Os erros preteritos nos servirão de estímulo para uma accusação cabal, fazendo-os bem patentes á luz do mundo, para que sejam derrubados e até punidos por um regimen que contenha em si o bom senso psychologico, a moralidade, o progresso da sagacidade humana e a justiça de cada um.

Bem sabemos que a epocha em que vivemos está cheia de corrupção e de verdugos auctoritarios que perseguem

por todas as fôrmas a liberdade do pensamento, estabelecendo punições rigorosas para quem escrever a verdade, arrásando com vigor os inimigos da liberdade e da autonomia da patria.

Sabemos tudo isso. Mas tambem é preciso que taes verdugos saibam que a imprensa tem em si um poder que elles nuca poderão derrubar, por mais barbaras que sejam as perseguições e mais crueis que sejam os castigos—nos castellos, nos calabouços, nas cadeias immundas e nas fortalezas do degredo—porque de todos esses logares soará a voz da justiça, que apparecerá, tarde ou cedo, em frente dos verdugos, vedando-os da liberdade de que não eram dignos.

O poder da imprensa é grande e nobre!

A instrucção do povo, a doutrina dos sabios, a arte e a civilisação, devem o seu progresso á imprensa, que, como um pharol, levou a luz a toda a parte!

A typographia é uma das artes que mais honra a sagacidade do homem, é d'ella que nasceu o desenvolvimento scientifico e material dos seculos XVIII e XIX.

Esta invenção gloriosa apparecen no decimo quinto seculo, devido, segundo a opinião mais geral, a João Gutenberg.

Este homem, immortal para a historia da humanidade, unia em 1838 em Strasburgo os seus talentos aos de Jacques Mentel, e mais tarde aos de Fust, transformando a arte obscura e ainda executada com letras de madeira em letras de metal, e d'esta transformação appareceram os prélos e a vida do jornalista, os livros de sciencia e das artes.

Com tão primoroso inventivo descabia a escripta hieroglyphica ou symbolica, usada pelos egypcios até ao seculo decimo sexto.

A imprensa, a alavanca do progresso humano, a protectora da sociedade, veio condemnar o barbarismo da antiguidade, esses erros absurdos e criminosos, que os potentados dos seculos remotos, gregos e trojanos, romanos e babilonios, com tradições d'esses tempos feudaes da idade média, erguiam o cutello da tyrannia sobre a cabeça do mais innocente vassallo, simplesmente por ruim capricho, ou por ver correr sangue humano sobre a terra.

A imprensa, a escola do povo, espalhou pelas cinco partes do mundo a luz dioptrica da civilisação, formando uma tribuna para advogar a causa da humanidade, entre todas as prepotencias sociaes.

A imprensa edificou um tribunal para defender o innocente e arrasar o criminoso pelos seus crimes commettidos, que muitas vezes, se não fosse a imprensa jornalística, ficaria impune perante a sociedade.

A imprensa erigiu um estandarte que serviu de guia ao progresso dos homens, tendo por ella conhecimento de qualquer feito glorioso, tanto o rei e o nobre como o clero e povo; ella é commum a todos, tanto entra no palacio dos nobres como na mansarda do plebeu; é como o sol que dá luz, sem distincção por ninguém.

O poder da imprensa é altivo e nobre; tem em si o elemento da força moral e a direcção da sociedade; o seu poder tem derrubado thronos e conduzido monarchas para o cadafalso, como foi Luiz XVI, rej de França, e tantos outros que deixo de mencionar, por ser do dominio da historia geral das nações.

Disse Marat, jornalista francez, que temia mais um jornal bem redigido que um exercito em pé de guerra, e bem o provaram a derrubação do throno de Luiz XVI, de que Marat, intemerato escriptor, fez parte com o seu jornal.

O jornalista exerce um dos primeiros logares da sociedade; muitas vezes da sua penna depende o credito, a honra e até a vida do cidadão.

Quantas vezes o jornalista defende no tribunal da imprensa o innocente perseguido, calumniado e desprezado pela sociedade, tornando-lhe a restabelecer o credito e a honra perante a mesma sociedade que o ludibriava? Pela mesma fórma, quantas vezes passa por homem de bem o assassino encoberto, o ladrão occulto, o corrupto hypocrita, e pela penna do jornalista lhe é arrancado o véo que lhe encobria os seus crimes, e chamado aos tribunaes da justiça para ser punido ou empurrado para o escarneo e tédio da sociedade?

O jornalista quando não se afasta da verdade e da justiça; quando põe a sua penna a favor da causa da sociedade; quando trabalha pelo progresso e pela moralidade

dos povos, é um obreiro ligado a tudo que é digno de excelso valor.

O civismo das nações deve ao jornalista moderno o seu sustentáculo, é elle que encaminha o cidadão para o campo da heroicidade, do brio e da honra.

O jornalista prepara o terreno do combate, narra os louros da batalha ao mundo inteiro. Todas as revoluções modernas devem ao jornalista a sua gloria.

A queda de Napoleão foi preparada pelo jornalista; a desthronação de D. Pedro II, imperador do Brazil, tambem foi o jornalista que a preparou; Grevy, presidente da republica franceza, foi demittido em virtude da accusação que o jornalista lhe fez, chamando a attenção da justiça popular para os seus actos publicos; Deodoro da Fonseca, o 1.º presidente da Republica brasileira, foi demittido em virtude dos seus actos de barbaridade, e foi o jornalista que fez menção d'esses actos perante o povo, apparecendo em pouco tempo a resolução.

Eu sei que muitas vezes os reis, os governos e as auctoridades cerram os ouvidos á voz do jornalista; mas a justiça fica na alma do povo, até que chegue a hora da sua execução, que, quanto mais se esperar, mais lugubre será o seu cutello.

BORLIDO MARTINS.



Aproveitamento do bagaço da canna saccharina

Sendo n'este archipelago o cultivo da canna saccharina um dos ramos da sua agricultura, creio que não será indifferente saber-se que — por um processo inteiramente novo e de invenção portugueza — se consegue aproveitar do bagaço da canna, que é destinado á queima nas fornalhas ou a estrumes, ainda 20 % de aguardente de igual qualidade á que se extrahiui das cannas piladas nos trapiches.

E' este um facto de grande e capital interesse saber-se que com a applicação d'esta descoberta, mais se valorisa-rão os terrenos proprios ao cultivo da canna saccharina, com notavel vantagem para os seus proprietarios e para o proprio governo, que verá, em pouco tempo, augmentar a exportação da aguardente.

E' realmente importante que do bagaço — quasi sem valor algum — se possa obter, facil e economicamente, uma quantidade de aguardente correspondente a cerca de *um quinto* ou 20 % de aguardente, sendo essa aguardente igual á da garapa no grau alcoolico e igual tambem; senão melhor, na qualidade.

O processo para preparar o bagaço, de o pilar nos trapiches e de fermentar o liquido d'elle extrahido, é d'uma extrema simplicidade e que qualquer póde executar, sem

dependencia de grande estudo e com a maxima facilidade, accrescendo ainda a vantagem de não depender de despesas, porque com o proprio material para a pila e fabrico da aguardente se podem realizar todas as operações.

N'esta provincia o fabrico do assucar tem diminuido consideravelmente, por não poder competir nos mercados importadores, com os assucares d'outras procedencias. Além d'isso os terrenos, cançados pelo longo cultivo da canna saccharina, produzem pouco.

N'estas circumstancias é de grande vantagem para o agricultores o ensaio do invento, que irá augmentar-lhes em mais 20 % a producção da aguardente.

Na ilha de S. Thiago o representante do inventor trata de promover ensaios da applicação do invento e da sua divulgação, e, por isso, d'elles daremos noticia mais circumstanciada, por serem de incontestavel vantagem e interesse para a agricultura e prestar-se um bom serviço a Cabo Verde.

ANTONIO DE ARTEAGA



A CREAÇÃO DE UM LYCEU EM CABO VERDE

Custa a acreditar que a provincia de Cabo Verde, que tem hoje uma população de 138:796 almas, com uma receita publica de 336:400\$000 réis e um saldo positivo de 43:660\$443 réis, d'onde se infere que em nada é pesada á Metropole, — não tenha ainda um lyceu.

Os filhos de Cabo Verde, estão votados ao mais completo abandono, á mais odiosa excepção, fechando-se-lhes as portas do templo sagrado da Instrucção, esse poderoso motor, essa alavanca gigantesca d'onde brota toda a civilisação, todo o progresso de um povo!

Nascemos e morremos na escuridão da ignorancia.

O nosso cerebro, que não tem composição differente dos metropolitanos, como muitos d'elles julgam, é reconhecidamente apto para uma cultura superior, e negar-lh'a é um erro de administração publica, é um crime mesmo da parte dos nossos governantes, que estabelecem nas suas leis penas para os paes que não mandam seus filhos á escola, e não dão a estes a educação que precisam e a que tem incontestavel direito!

Que cruel ironia, senhores!

Pois é só com as escolas de instrucção primaria, a *via reduzida*, que existem em Cabo Verde, que se pôde instruir um povo?

E' justo obrigar os paes, com sacrificios superiores ás suas forças, a mandar seus filhos para Lisboa, cursar alli o lyceu?

Não! Essa imposição é muito dura e immerecida.

E' preciso habilitar o filho de Cabo Verde a bem servir a sua patria, porque ninguem mais do que elle, depois, pugnará tão acrisolada e sinceramente pelo seu progresso e desenvolvimento.

O que tem elevado os povos, tem sido unicamente a instrucção, e esse ramo de administração publica deve merecer sempre do Estado a sua mais demorada e affectuosa attenção.

Educar um povo, é civilisal-o; é levantál-o á altura da raça humana; é tornál-o util a si, á sociedade e ao Estado.

E o povo de Cabo Verde está sequioso de instrucção, para se erguer do atraso em que se encontra e trabalhar com áfincio a bem da sua desgraçada patria e dos seus concidadãos.

Não nos cansaremos de advogar esta idéa da criação de um lyceu em Cabo Verde, porque temos a convicção de que n'isso lhe prestamos um serviço, e se a nossa debil e desauthorisada voz não fôr escutada, restar-nos-ha a satisfação do cumprimento de um dever.

Esta idéa não é de hoje, nem é nossa.

Crêmos que o actual governador d'esta provincia, sr. conselheiro João Cesario de Lacerda, já reflectiu muito sobre este assumpto, quando governou a provincia da primeira vez.

Aqui o deixamos, por nosso turno, exposto em duas palavras, indossando a penna mais competente, o seu maior desenvolvimento e explanação.

L. LOFF.



CABOVERDIANOS ILLUSTRES

Sob esta epigraphe vamos dar umas pequenas notas dos caboverdianos que mais se têm distinguido na litteratura e na poesia, acompanhadas de algumas das suas producções :

Começaremos pelo nosso mallogrado poeta :

Guilherme Dantas

Dantas, com quem muito convivi na cidade da Praia, era quasi sempre triste e concentrado.

A infelicidade que sempre o acompanhou e o defeito physico da mudez contribuiam muito para isso, e tanto uma como outra cousa foram talvez a causa da sua morte prematura. As suas poesias eram sempre tristes, sentimentaes, cheias de amargura, mas algumas vezes para distrahir o espirito e afastar de si a tristeza, sua constante companheira, escrevia sonetos engraçados. Como amostra, apresento o que se segue, que é inedito e foi por elle escripto n'um dos meus albuns :

SONETO

Impando de um almoço bem regado,
c'uma bella *perua* no cachaço,
reclinei-me de Nise no regaço,
ebrio de amor, de amor empanzinado.

Ella ao vêr o seu bem em tal estado,
como tola ficou por largo espaço,
até que arrenegada, alçando o braço,
me ferra c'os narizes no sobrado.

— «Senhora Nise! então lhe grito rouco,
não se escame, que fica uma barata...
guisei meu coração (este o descôco),

Trinchado com fatias de batatas
de deseugano um grão, de juízo um pouco,
da prosa vil na caçarola chata!»

*
* *

Apresentamos mais os seguintes versos d'esse desditoso poeta:

RESPOSTA

A. C.

Queres por força que eu diga
no que penso, desviando
meus olhares?... Rapariga,
tenho medo... estou pensando...
Tenho medo, sim! e scismo
que minh'alma não se afoite
a perder-se n'esse abysmo
de teus olhos côr da noite!...

FLOR EPHEMERA

Ao meu amigo dr. Alfredo Cândido Garcia de Moraes,
pela morte d um seu filhinho.

As creâncinhas do Deus,
essas rosas sem espinho,
vão-se como um passarinho
N'um aí nos dizem adeus!

BULÃO PARO.

Quando tu vês pensativo
sorrindo à meiga consorte,
o teu filho, loiro, vivo,
—doutor, que pensas da morte?...

E quando um pallido anjinho
pende a fronte esmaecida...
ai ! morto !... Ao vér teu filhinho,
— doutor, que pensas da vida ?...

A vida é estrella cadente,
a morte uma noite escura :
brilha a luz... e de repente
só fica densa negrura.

Vem o triste desalento,
a fronte na mão descáe...
que pode então o talento,
se não o amor d'um pae ?...

Paciencia, pois ! se a creança
é uma flôr de breve idade :
renasce n'uma esperança,
revive d'uma saudade !



UM EXERCICIO MILITAR EM BISSAU

I

Corria o anno de 1801.

Os gentios de Bissau (Guiné Portugueza) tinham-se rebellado contra a soberania portugueza n'aquella parte d'Africa e n'um combate travado entre as nossas forças e os rebeldes, soffremos numerosas perdas, e as nossas forças tiveram que retirar-se em debandada.

II

Tencionando o nosso governador. um segundo ataque aos gentios, estava-se tratando de exercitar e disciplinar as nossas forças, para que o exito fosse favoravel d'esta vez.

N'este empenho, ás seis horas da manhã de um bello dia do mez de abril, uma força composta de duzentos homens, sahia para fóra da praça de Bissau, em exercicio militar.

Havia o exercicio durado já duas horas, e na occasião em que a mesma força recolhia á praça, ao passar pelas antigas cubatas dos grumettes, rodeadas de frondosas arvores, ouviu-se de repente o grito de guerra de que usam os gentios retinir por todos os lados, mas sem se avistar um só gentio.

O panico foi indescriptivel e a confusão enorme!

Os soldados debandaram em grupos, cada um para seu

lado, e o commandante do exercicio mandou tocar a unir, mas debalde!

Só a muito custo poudes conseguir fazer se obedecer por uns cincoenta soldados da policia de Cabo Verde e alguns soldados europeus.

O resto da força, composta de soldados angolas (naturaes de Angola), marchavam em accelerado em direcção ao alto de Antim (povoação gentilica) capitaneados por um corneta, tambem Angola.

O commandante mandou por um dos cornetas, que se lhe tinha conservado fiel, tocar a retirar, e o corneta Angola, ao longe, responden a esse toque com outro de avançar.

Sendo impossivel conter os Angolas, o commandante e os officiaes, em cumprimento das ordens do commandante da columna, retiraram-se para a praça com os poucos soldados que tinham reunido, e d'aqui continuava-se fazendo os toques de retirar, ao que o troço dos angolenses não dava ouvidos, fazendo por seu lado os toques de avançar! Fogo! dando um ataque formal ao alto de Antim e recolhendo á praça só ás tres horas da tarde, com uma perda de quatorze homens!

III

No dia seguinte soube-se que o grito de guerra tinha partido d'entre os proprios soldados angolas que na vespera do exercicio tinham combinado e formado o plano de um ataque ao alto de Antim, sendo o grito de guerra simulado o signal convencionado para a debandada, que se effectnou.

Este episodio, que nos foi narrado pelo distincto official que commandava o exercicio, dá uma idéa da disciplina dos soldados angolas e do que poderemos esperar d'elles.

Foi tal disciplina que deu em resultado a lamentavel morte de quatro briosos e valentes officiaes, barbaramente trucidado pelos gentios na campanha havida n'aquelle anno, contra os mesmos rebeldes.

Esses infelizes e mallogrados officiaes, que pereceram no campo da honra, luctando heroicamente, chamavam-se: Heitor d'Azevedo, Carmo Azevedo, Lucena, e Honorato Moreira.

L. LOFF.



A TARDE

A mimosa poetisa patricia,
mademoiselle Gertrudes Ferreira Lima, de Santo Antão

*(A proposito d'uma pergunta da mesma, na Praia,
em casa do Ex.^{mo} Sr. Augusto F. Fructuoso de Barros)*

«Ave Maria!» — *Tis the hour of prayer!*
«Ave Maria!» — *Tis the hour of love!*

Byron-poetisa.

Hora convidativa da saudade,
Quando no mar a luz do sol desmaia,
E o triste oceano — a triste immensidade —
Seus desmaios d'amor envia á praia:

Das orações e dos amores hora,
E ingenua Musa da recordação,
Ella aviva as saudades de quem chora.
Ella esmaga o prazer no coração.

Contam, que no Egypto uma fonte,
Cuja agua de gelo parecia,
Quando o sol dardejava no horisonte
O raio ardente que avigora o dia:

Mas, — coisa singular! — depois, mais tarde
Só continha um brandíssimo calor,
Na hora saudosa quando já não arde
O astro diurno de gentil fulgor!

Ha certas almas, que, durante o dia,
Em quanto a luz o firmamento inunda,
Sentem, quem sabe? a indiferença fria
Dos que repousam n'uma campa funda,

Mas que á hora sandosa do crepusculo
Sentem, talvez, o coração no peito
Vibrar-lhe com ardor — sanguíneo musculo —
Nos extasis sublimes d'um eleito.

Assim as tristes, quando ao sol poente
Vão vêr a extrema luz morrer no mar,
Devem sentir no coração doente
As tristezas da luz crepuscular.

Gosto de abrir meu coração — o cofre,
Que esconde as minhas afeições saudosas,
N'aquellas horas tristes, duvidosas,
Da solidão tremenda de quem soffre.

Hora, em que o sol desmaia no Occidente,
E o mar envia seu lamento á plaga,
E a flôr que pende á beira da corrente,
Perfuma a brisa, que passando a esmaga,

E as pombas buscam seus pombaes distantes,
E ao longe os sinos das egrejas sôam,
E para as verdes selvas sussurrantes
As avesitas afinadas vôam,

E as tristes vão, morrendo de saudade,
Dizer ao sol o derradeiro adeus,
E a moribunda paz da immensidade,
Condensa as nuvens n'amplidão dos céos,

E o poeta pergunta á natureza
Quem deu encantos á florzinha esquivá!
Amo a tarde — um momento de tristeza —
Hora amena d'amôr, convidativa.

JOSÉ LOPES DA SILVA.



Notas soltas de viagem

1892 — Março — 46.

Chegámos hoje a Lisboa. E' esta a quarta ou quinta vez que visitamos Lisboa, mas ella dá-nos sempre uma impressão agradável; as suas ruas muito limpas, o seu sol claro, as suas praças espaçosas, a sua Avenida, os seus *pregoeiros*, as suas ovariinas, as suas elegantes meridionaes de olhos pretos e cabellos retintos, produzem sempre em nós novas sensações de prazer e alegria.

Um aldeão, porém, em quanto não vae aos FONSECAS enfarpellar-se, e ao cabelleireiro cortar o cabello, sente-se mal em Lisboa, — está deslocado, confuso, desconfiado, porque o lisboeta repara mutio e é pouco condescendente; não perdôa o desalinho e o descuido do trage e faz logo uma careta e diz: ahí vae um saloio, como se este não tivesse o direito de andar com elle pelas ruas de Lisboa!

Afôra isto o lisboeta é amavel e jovial, especialmente com o brasileiro, a quem adora as libras e detesta a prosodia, quando é certo que temos ouvido brasileiros fallarem melhor a lingua de Camões do que muitos dos patrios do grande épico.

Só aos insignificantes, porém, ouvimos arremedar os brasileiros; os portuguezes sensatos apreciam-n'os como irmãos.

Fomos a Collares, a Cintra, a Mafra, á Outra Banda, ao

Monte Estoril, a Cascaes, e de todos estes encantadores logares conservamos apreciaveis recordações.

No dia 4 de abril embarcámos a bordo do vapor *Aconcagua*, da companhia *The Pacific Steam Navigation*, em direitura a Bordeus.

Só de pois de estarmos a bordo, soubemos que o vapor estava incommunicavel, por ter occorrido durante a viagem alguns casos fataes de febre amarella. Ficamos aterrorisados.

Depois de termos dobrado o cabo *Finisterra*, entrámos no golfo de Gasconha, navegando n'um mar de rosas.

O tempo estava claro e o mar calmoso.

Eram tres horas da tarde. Tinhamos descido á camara para jantar; suppomos nós. Não affirmamos que era para jantar, porque desde que entrámos a bordo d'esse vapor até hoje estamos sem saber a que horas era o almoço, o jantar ou a ceia. As refeições ponco differiam: ás 8 e 11 horas da manhã, e ás 3, 5 e 7 horas da tarde, a sineta chamava-nos para uma refeição equal.

Estavamos á meza havia uns vinte minutos, quando de repente ouvimos o vapor a apitar estrondosamente e sentimos que diminuía a marcha!

Que é isso? perguntaram todos a uma voz.

Thick Fog! responder de lá um *biffe*.

Corremos todos para o tombadilho e qual não foi a nossa surpresa ao vêmos que estavamos completamente envolvidos n'um espesso e negro nevoeiro!

Respirava-se á custo, uma forte pressão athmosphérica actuava sobre os nossos corpos; sentiamos o coração opprimido, a cabeça pezada, emfim, um grande mal estar geral.

A 5 metros de distancia não se podia distinguir nenhum objecto; o vapor continuava apitando de cinco em cinco minutos e seguia a um quarto de força; o vapor parecia uma tumba; os sons do apito eram funebres, faziam estremecer todo o organismo, emfim, tinhamos deante de nós um quadro triste e horrivel.

Assim navegamos pelo espaço de 3 horas; ás 6 horas da tarde a atmosphera começou a aclarar e ás 8 horas da noite já estava completamente limpida, e a lua espalhava os seus raios diamantinos sobre o Oceano!

De madrugada entrámos na embocadura do rio Gironda.

Navegamos uma hora e o vapor teve de parar á espera de preamar.

Às 9 horas da manhã levantámos ferro e seguimos rio acima até Pauillac, onde chegámos ás 2 horas da tarde.

O nosso rio Tejo é um dos mais lindos do mundo, mas o Gironda não lhe fica atraz; e se não fosse o receio de sermos taxados de detractores das coisas nacionaes, diríamos que gostámos mais do Gironda!

Em Pauillac o vapor recebeu a visita sanitaria.

N'essa occasião todos os passageiros se encostaram á borda do vapor, esperando a sentença.

Foram 10 minutos de angustias, porque é sabido que todos os passageiros teem um grande horror ás quarentenas.

Quando todos estavam anciosos por saber do resultado da visita, o medico de bordo vira-se e diz-nos em francez: *Pas de quarantaine!*

Estas palavras foram reproduzidas immediatamente por todos os passageiros da ré e prôa.

Pas de quarantaine, pas de quarantaine, repetiam jubilosamente todos!

De Pauillac a Bordeus fomos n'um vaporsinho por conta da companhia.

Desembarcámos em Bordeus no dia 7 de abril, ás 6 horas da tarde.

Entrámos no *Grand Hotel Marin*.

Ficámos desagradavelmente surprehendidos com o systema de se notar cebo nas taboas do soalho, que alli uzam, o que obriga a enormes cautelas, para se não dar um valente escorregão, em quanto se não habituam a *glisser*. Tivemos tambem alli um susto.

Tinhamo-nos deitado, e alta noite acordámos, vendo um objecto extremamente luminoso adiante de nós; parecia uma chamma. Ficamos sobresaltados, julgando ser o principio de um incendio; accendemos precipitadamente um phosphoro com o qual fizemos luz na vela que estava n'uma palmatoria na nossa frente. Qual não foi, porém, o nosso espanto ao reconhecermos que a outra luz tinha desaparecido e que ella provinha da propria palmatoria,

que tinha uma composição de massa phosphorescente propria para brilhar no escuro!

No dia seguinte partimos para Paris, no comboio expresso das 6 horas da manhã.

O dia estava lindo; ás 10 horas chegamos a Poitiers, onde tomámos alguma refeição, e ás 6 horas estávamos em Paris!

Installamo-nos logo no hotel *Castille*, rue Cambon, em face dos jardins do Ministerio da Justiça.

Paris! não descreveremos essa bella e alegre cidade, que muitos chamam a capital do mundo, porque não conseguiríamos dar uma idéa sequer do que é Paris; o que podemos dizer é que o nosso espirito passa alli por uma transformação completa, os nossos olhos abrem-se, espantados, para contemplar e admirar as maravilhas e as grandezas d'essa imponente e magestosa capital, os nossos ouvidos ficam atordoados com o estrondoso barulho produzido pelo enorme movimento de seus dois e meio milhões de habitantes!

O estrangeiro, em Paris, é muito bem acolhido, especialmente se á lapella do casaco traz uma *fitinha*.

Os parisienses são excessivamente amaveis e delicados a ponto de se julgarem muito honrados quando um estrangeiro lhes falla um francez pessimo, empregando mal o tempo dos verbos, mas elles dizem sempre: *Très bien, vous parlez fort bien le francais, monsieur*; e o que é certo, é que isto anima o estrangeiro e tira-lhe o medo de fallar o francez, de fôrma que em pouco tempo adquire muita prática e desembaraço.

Do hotel da rua Cambon fômos para um quarto particular em *Faubourg Poissonnière*.

Em Paris não convém ao estrangeiro estar sujeito a comer n'um determinado hotel. E' preferivel ter um quarto e comer em qualquer restaurante, no lugar onde estiver, porque cafés e restaurantes são cousas que abundam em Paris; ha os de todos os preços e feitios.

Em Paris visitámos o *Louvre*, *Palais Royal*, *Bourse*, *Notre Dame*, *Madeleine*, *Torre Eiffel*, etc.

Despedimo-nos de Paris, com saudade, sequiosos de vêr e aprender, mas era forçoso partir.

No dia 25 de abril partimos para Madrid.

Passámos de dia os Pyrenêos.

Alli, os tunneis, succedem-se uns aos outros; chega a ser medonho. Viaja-se horas e horas debaixo de enormes montanhas, no meio de uma escuridão profunda. E' horroroso!

Chegámos a Madrid, á formosa capital de Hespanha.

Fomos logo atacados na estação do caminho de ferro por um bando de *muchachos*, que á porfia nos queriam angariar, cada um para seu hotel.

Escolhemos um ao acaso: era o *Hotel de las Quatro Nuciones*, na *Calle del Arenal*, perto da *Puerta del Sol*.

Alli estivemos installados uns quatro dias, que tanto foi a nossa permanencia em Madrid.

Vimos as principaes curiosidades: a egreja de S. Francisco, *El Buen Retiro*, Gran Theatro Nacional, a armeria Real, o museu archeologico, etc.

Notámos que os hespanhoes não entendem ou não querem entender portuguez; quando é certo que o portuguezes facilmente comprehendem o hespanhol. Foi a lingua franceza que nos serviu alli para nos expressarmos, embora mal.

Da lingua hespanhola só empregavamos, para exprimir admiração ou surpresa, o famoso *cáramba*, que é intraduzivel e bastante expressivo.

L. Loff.



O PROGRESSO

Soberano possante, conquistador victorioso, o progresso já por toda a parte fez ouvir a sua voz altisonante e perante a sua marcha febril tudo se submete, tudo se curva, tudo lhe rende preito de homenagem, tudo lhe levanta um throno de gloria — a terra, os mares, a atmosphaera, o firmamento.

Pharol acceso no meio das gerações, cada vez mais os seus lampejos vão augmentando de intensidade, projectando-se com o brilho que fascina do nascente ao poente, do arctico ao antarctico, diademando o seculo XIX com o seculo das luzes, que nos vindouros transformar-se-hão em vivissimas scintillações.

Não ha resistencia possivel que se não remova pela alavanca do progresso, cujo ponto de apoio é o arrojo do homem em querer descortinar o incognito e cuja potencia é esta sede insaciavel do intellecto, correndo infrene á procura do maravilhoso, que semelhante á seductora miragem vae sempre fugindo para só se manifestar na plenitude do seu esplendor junto da belleza increada, onde a intelligencia, cessando de lucubrações, repousa serena.

De todos os pontos do universo se casam melodiosas harmonias do hymno triumphal que o proclama dominador incansavel e no seu avançar pbrenetico o mundo lhe parece estreito ambito para alargamento das suas colossaes empresas.

Ao seu imperio rompem-se e atravessam-se asperas e alcantiladas montanhas, explora-se o solo, descobrindo os segredos da sua composição, a mechanica substitue os braços pelas machinas, ligam-se os mares pelo corte dos isthmos, domam-se as furias neptuninas, subjugando os adamastores, a locomotiva, os vapores, a telegraphia, a imprensa unem os povos pela facilidade de communicações, os aerostatos, quaes aguias velozes, cruzam-se nos ares, a astronomia, percorrendo o espaço, descortina no firmamento myriades de mundos, estudando-lhes a estrutura e as leis, o microscopio descendo á escada dos infinitamente pequenos descobre seres sem numero, que nos rodeiam, e cuja existencia ignoravamos, emfim, é o progresso, esta irresistivel tendencia para o aperfeiçoamento e para a felicidade, que faz surgir de todos os lados descobertas que admiram, maravilhas que assombram.

Brilhe no nosso esperançoso Cabo Verde esta luz vivificante, que elle, despertando do lethargo em que jaz, unir-se-ha glorioso ao universal concerto.

S. Vicente.

LUIZ LOFF NOGUEIRA.



PEQUENO GUIA COMMERCIAL

PARA

Cabo Verde

POR

L. Loff de Vasconcellos

Cabo Verde sob o ponto de vista commercial

I

A provincia de Cabo Verde, comprehende o archipelago do mesmo nome, que se divide em dois grupos, a saber :

Grupo de Sotavento

Ilha de S. Thiago.

- » do Fogo.
- » Brava.
- » do Maio.

Grupo de Barlavento

Ilha de S. Vicente.

- » » » Antão.
- » » » Nicolau.
- » da Boa Vista.
- » do Sal.
- » de Santa Luzia (deserta).

A sua superficie está avaliada em 453,3 hectares, com uma população de 138:796 almas.

Foi descoberto, segundo a opinião mais geralmente seguida, em 1446, por Luiz de Cadamosto e Antonio de Nola, n'uma expedição sahida de Lagos, organizada pelo infante D. Henrique, o grande instigador das viagens de descobertas, de que Portugal tanto se ufana.

A ilha de S. Thiago é a maior de todas e a mais importante agricola e commercialmente.

Produz muito milho, semente de purgueira, aguardente de canna saccharina, assucar, feijão, uma grande variedade de fructas, etc.

E' n'ella que está a Cidade da Praia, capital da provincia, que é o principal imporio do commercio, tanto de importação como de exportação.

Existe alli uma agencia do Banco Nacional Ultramarino, corpo consular, tribunal do commercio, e uma estação telegraphica, que communica directamente com a de S. Vicente, Guiné Portuguesa, S. Thomé e Açores.

E' a *Brazilian Submarine Telegraph Company Limited*.

E' na cidade da Praia que reside a maior parte do tempo o governador da provincia, e onde estão as repartições publicas: secretaria geral, repartição de fazenda provincial, junta de saude, direcção das obras publicas, thezouraria e a companhia de artilheria.

Segue-se em ordem de importancia a ilha de S. Vicente, não pelo que vale a ilha em si, pois é a mais árida e agreste de todas as outras, mas porque assente n'ella está a cidade do Mindello, que rivalisa com a da Praia, sobrepujando a esta em belleza, animação, salubridade e concorrência de navegação.

A cidade do Mindello é um entreposto importante de commercio, e está ligada á America do Sul e á Europa por cabo submarino.

Possue o porto mais amplo e magnifico de todo o Cabo Verde, denominado *Porto Grande*.

Póde-se dizer que Cabo Verde é mais conhecido lá fóra por causa da constante navegação a vapor que afflue a S.

Vicente para se abastecer de carvão e viveres, quer seguindo para os portos da America do Sul, quer para os da Europa.

Existem 3 companhias carvoeiras que fornecem carvão: Millers & Cory, Wilson Sons & C.^a, e a Companhia Nacional.

Todas estas companhias tem sempre em deposito grande quantidade de carvão, e o seu preço regula de 23 a 25 *shillings* por tonelada.

Ha 2 *ship-chandlers*: Madeira & C.^a e Lopes & C.^a.

A média dos vapores que frequentam este porto é de 4:263 por anno.

As companhias carvoeiras empregam um grande numero de braços nos trabalhos do carvão, tornando a população da cidade activa e laboriosa. S. Vicente é o refugio dos indigenas das outras ilhas, que não encontram trabalho ou occupação n'ellas, e nas epochas de crises alimentarias, por effeito das estiagens, é um seguro asylo dos famintos.

A ilha é muito sadia, e apesar de pouco ou nada produzir, é sobejamente abastecida sempre de viveres e refrescos, que importa diariamente de S. Antão e S. Nicolau.

Constitue hoje um julgado municipal, com um tribunal de commercio, presidido pelo juiz municipal, que é um bacharel.

O governador da provincia passa alguns mezes aqui, durante o anno.

Como a cidade da Praia, possui bons hotels, regulando o preço de 1\$000 a 1\$200 réis diários, *tout compris*.

A ilha de Santo Antão, uma das mais ricas e salubres do archipelago, tem desenvolvido muitissimo nos ultimos annos a sua cultura de café e canna saccharina e tem um largo futuro.

Possue uma grande variedade de aguas mineraes, que, estudadas e exploradas, deveriam constituir uma industria lacrativa.

Exporta muito café e aguardente de canna.

Produz os mesmos generos que a ilha de S. Thiago, menos purgueira, cuja plantação é alli desprezada.

Em importação é a terceira ilha do archipelago e em exportação a segunda, como o é também em grandeza.

E' na villa D. Maria Pia, recentemente fundada, que está estabelecida a sêde do copcelho e a cabeça de comarca do circulo de Barlavento.

A ilha do Fogo é a unica em que a sua exportação excede ao valor da importação.

Produz muito café de excellente qualidade e reputado o melhor da provincia, que exporta annualmente.

Tambem produz muito milho e feijão e alguma semente de purgueira.

Existe n'esta ilha uma pequena manufactura de tecidos d'algodão, muito semelhante ao cotim nacional, usado na ilha, especialmente para calças, e manufacturam-se pannos de algodão que se exportam para a Guiné, e rendas finissimas e de muito bom gosto.

E', sem duvida alguma, devido a essa pequena industria, que se pôde explicar a insignificancia relativa da sua importação.

A ilha Brava, a mais pequena de todas, é comtudo relativamente a mais pôpular.

O seu sólo é muito fertil, porém não produz o sufficiente para exportar, e tem necessidade de importar, mesmo nos annos abundantes de colheita, café, assucar, aguardente e algum milho.

Os seus recursos veem todos de fóra.

Os naturaes da ilha tem uma pronunciada tendencia para a vida maritima, e na phrase espirituosa de alguém, esta ilha é *um navio fundeado no Oceano*.

E' a terra dos afamados baleeiros.

Ha uma enorme emigração para os Estados Unidos da America, e é d'este riquissimo paiz d'onde veem os recursos para esta ilha, em bons cheques de *libras sterlingas*, pagáveis em Londres.

Manufacturam-se n'esta ilha magnificas colchas de lã.

Tambem existe alli uma pequena industria de chapéus de palha (de folha de palmeira) que se vendem ao vil preço de 50 réis cada um.

Este trabalho é feito por mulheres, mas, ultimamente,

pelo seu desaperfeiçoamento, quasi que não encontram compradores.

E' uma industria que, bem dirigida e aproveitada, poderia constituir um ramo de commercio de exportação, como em Cuba.

Infelizmente não se tem olhado para ella, e a iniciativa particular, n'estas paragens, é muito frouxa.

Fabrica-se n'esta ilha excellente cal, que rivalisa com a de Portugal.

Existem alli diversas nascentes de agua mineral, sendo a principal a chamada do *Vinagre*, chloro-carbonatada, de um effeito seguro, e rapido na cura das doenças do baço, figado e estomago.

A Brava possui incontestavelmente o melhor clima de todo o archipelago; rivalisa com o da ilha da Madeira.

A ilha de S. Nicolau segue-se em importancia á Brava.

Nos annos bons produz para si e exporta algum milho, fructas, farinha de pau e batatas para a ilha de S. Vicente. E' um dos celleiros d'esta.

E' alli que está estabelecido o seminario-lyceu de Cabo Verde e o governo ecclesiastico superior da diocese.

Este estabelecimento de ensino tem concorrido muitissimo para o desenvolvimento da instrucção em Cabo Verde.

O povo de S. Nicolau, como o da Brava, é o mais docil e civilisado do archipelago.

As ilhas da Boa Vista, Sal e Maio estão na maior decadencia desde que cessou a exportação em grande escala do sal para o Brazil.

Na Boa Vista fabrica-se louça de barro, cal, sabão e excellente queijo.

O clima de Cabo Verde é em geral sadio e o solo fecundo e productivo, e em annos de chuvas regulares exporta milho, café, semente de purgueira e aguardente de canna saccharina.

Infelizmente, porém, está muito sujeito a estiagens, o

que affecta gravemente o seu commercio e a sua vida economica, pois este archipelago vive essencialmente da agricultura, não havendo n'elle nenhuma industria em exploração, já pela falta de iniciativa particular, já pela absoluta desprotecção do governo da metropole.



No ramo da industria ha muito a explorar n'este archipelago, sem se carecer de capitaes de fóra; bastava a união entre tres ou quatro dos principaes commerciantes para se levar a cabo a empreza que n'este sentido se propuzesse realisar.

Importam-se certos artigos de primeira necessidade, que bem podiam ser fabricados ou manipulados aqui, com vantagens seguras e enormes para os industriaes e para a provincia.

Temos na ilha da Boa Vista argilla propria para o fabrico da telha de barro, do typo da marselheza, e não obstante, a provincia importa este artigo em grande quantidade, do estrangeiro.

Temos a canna saccharina, que produz optimo assucar, e sem embargo, o valor da importação do assucar estrangeiro elevou-se, no anno de 1896, á somma de 8.505,4080 réis!

E isto porque ninguem tentou ainda introduzir em Cabo Verde uma refinaria.

Temos e podemos ter mais magnifico algodão, e não se fabrica uma *piuga*, ou um novello de linha!

Importamos a bolacha, quando a podiamos fabricar aqui, mandando vir a farinha da America do Norte!

Consumimos tabaco de fóra, sabendo toda a gente que o tabaco, em Cabo Verde, produz quasi exponentsamente!

Mandamos vir de fóra até gravatas, artigo tão facil de confeccionar! E como isto: chapéus, bengalas, calçado, fato feito, etc.

(Continúa)